

Previdência: Brasil na contramão mundial

Rubens Penha Cysne

Devido à falta de representação política direta, aqueles ainda por nascer e aqueles considerados jovens demais para votar dependem do altruísmo dos mais velhos para terem seus interesses políticos devidamente representados. Sociedades mais altruístas tenderão a dar maior suporte político a iniciativas destinadas ao bem-estar dos mais jovens, enquanto que coletividades mais impacientes ou míopes tenderão a agir de forma mais imprevidente.

Macroeconomicamente, há várias formas de retratar tal tipo de atitude. Elevada poupança interna e elevada formação de capital do país como um todo, seja capital humano (educação) ou físico, revela troca de consumo presente por consumo futuro, sinalizando menor impaciência coletiva e maior consideração para com o seu próprio futuro e as futuras gerações.

O mesmo pode ser dito quando o total de ativos externos líquidos da sociedade se mostra elevado, relativamente àquele de outras economias. Ou seja, quando o total de obrigações emitido por

não-residentes e em mãos de residentes de determinada economia supera suficientemente as obrigações emitidas por estes mesmos residentes e em mãos de residentes nos demais países do mundo.¹ Tal constituição líquida de direitos contra o exterior permitirá no futuro consecuições de déficits na conta corrente do balanço de pagamentos, possivelmente financiadores de maior consumo ou maiores investimentos. Ganham as gerações futuras relativamente à atual.

Nestes particulares, países como a China, com elevado fluxo de poupança interna e elevadíssimos estoques de ativos externos líquidos, mostram (quando considerados sob o ponto de vista apenas destes parâmetros) baixo grau de miopia intergeracional.

Zelo

Outra forma de avaliar o grau relativo de zelo para com o futuro se dá através da observação das contas públicas. Como constituição de dívida pública em determinada data reflete maiores impostos ou menores gastos em datas futuras, dívidas líquidas elevadas costumam sinalizar menor preocupação com o dia de amanhã. Exceto quando à constituição de dívida pública líquida se contrapõe aporte de capital pelo menos equivalente. Macroeconomicamente, tal fato se traduz por uma poupança pública não negativa.

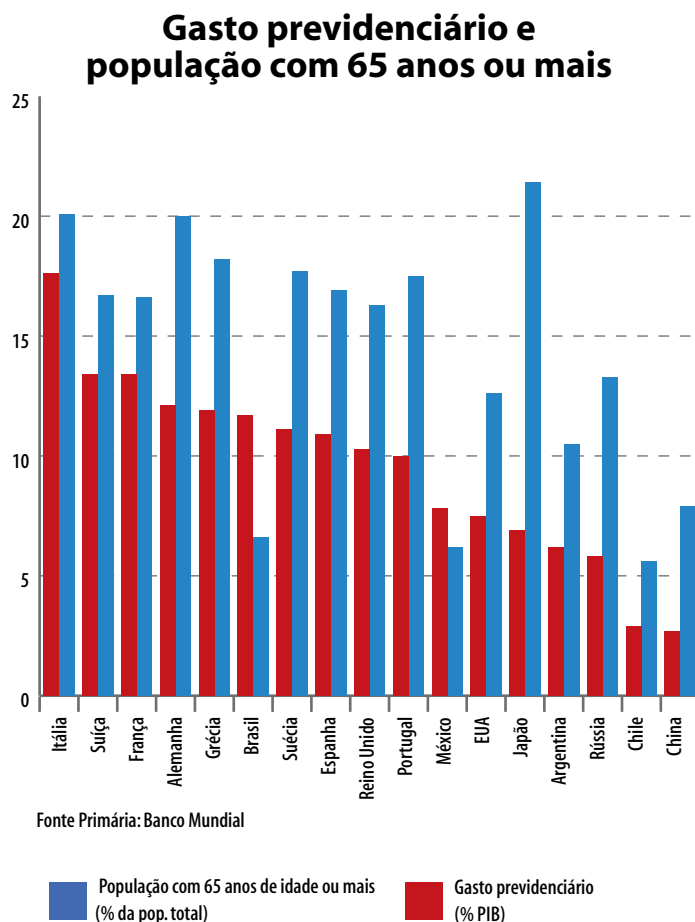
Além da comparação entre o total de gastos e receitas, também o perfil de gastos públicos pode traduzir como a sociedade trata as gerações futuras vis-à-vis a geração

atual. Dada uma certa estrutura etária, gastos com os mais jovens em programas de alimentação adequada, educação, saúde e saneamento básico, relativamente às transferências de renda para aposentados e pensionistas, são também reveladores de um maior ou menor grau de impaciência social.

Tomemos a questão da Previdência. Dados do Banco Mundial² mostram que a Itália encabeça a lista mundial de gastos com Previdência como percentual do PIB (17,6%), seguida da Ucrânia (15,4%) e Uruguai (15,0%). Com base nos percentuais do PIB dedicados à Previdência, numa lista de 107 países para os quais há informações disponíveis, em 15º lugar aparece o Brasil (11,7%); vindo em 19º o Reino Unido (10,3%); e, em 32º, os Estados Unidos (7,5%).

O número brasileiro já é por si mesmo elevado, mas fica evidente a assimetria em relação aos demais países da amostra quando se observa que nosso país tem um

Gastando 11,7%
do PIB em
Previdência e com
apenas 6,6% da
população acima
de 65 anos, o
Brasil difere de
outros países



percentual da população acima de 65 anos de idade bem inferior à maior parte dos países listados.³ O gráfico permite uma rápida visualização deste fato. Neste, para cada país listado na abcissa, a barra do lado esquerdo mostra os gastos com Previdência como percentual do PIB; e, a barra do lado direito, o percentual da população acima de 65 anos.⁴

Os gastos da Previdência, no caso do Brasil, incluem aqueles destinados a trabalhadores inscritos no regime geral de Previdência (INSS); as aposentadorias e pensões da União; e os benefícios pagos a pessoas idosas e portadoras de deficiências. Dados para outros países tendem a refletir programas semelhantes, embora estejam sujeitos às discrepâncias estatísticas usuais quando se comparam dados internacionais.

Aprovar ou não o desejo da sociedade de transferir mais aos idosos, e não aos jovens, é questão política para o futuro governo

Dois pontos destacam-se de imediato na observação do gráfico. Primeiro, o fato de que para todos os países da amostra, exceto Brasil e México, a barra da direita situa-se abaixo da barra da esquerda. Ou seja, o percentual de gastos do PIB com Previdência costuma ser inferior ao percentual da população com 65 anos ou mais.

Segundo, impressiona, relativamente aos demais países da amostra, a magnitude de tal discrepância no caso brasileiro. Gastando 11,7% do PIB em Previdência e com apenas 6,6% da população acima de 65 anos, o Brasil situa-se em posição claramente díspar dos demais. A Alemanha, por exemplo, gasta algo semelhante ao Brasil, em torno de 12,1% do PIB. Entretanto, tem 20% de sua população total na faixa etária acima de 65 anos, número da ordem de três vezes superior àquele apresentado pelo Brasil.

Razões

Os fatores a explicar tais fatos são bem conhecidos. O Brasil difere da maioria dos países analisados por permitir ainda aposentadorias sem exigência de idade mínima (baseadas apenas no tempo de contribuição); por ter alíquotas de contribuição relativamente elevadas; e por apresentar, particularmente no setor público, uma relação entre aposentadorias e salários da ativa relativamente elevada.

Confirmar ou não o desejo da sociedade brasileira de transferir relativamente mais (numa comparação com outros países) aos idosos, em detrimento dos jovens, é questão política a ser definida pelo próximo governo. Maior suporte àqueles ainda por nascer e por votar se definiria, em particular, por taxas significativamente mais elevadas de poupança e investimentos públicos. ■

Rubens Penha Cysne é professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV (<http://www.epge.fgv.br/users/rubens/>)

¹A dívida externa líquida é parte disto, mas muito distante do passivo externo líquido como um todo, tendo em vista a necessidade de se considerar também o estoque líquido de investimentos diretos estrangeiros no país, bem como a posse líquida (da parte de não-residentes) de ações e vários outros títulos denominados em moeda doméstica. No Brasil, o passivo externo líquido apresenta hoje em dia um valor próximo a US\$ 600 bilhões.

²O autor agradece (sem implicá-los nos erros porventura existentes neste artigo) a Marcelo Abi-Ramia Caetano e a Rogério Boueri Miranda pela cessão de dados previamente compilados.

³Observe-se que o tipo de análise aqui efetuada não emite nem pretende emitir juízo sobre méritos ou deméritos do valor de aposentadorias e pensões. Apenas, considerada a estrutura etária, contrapõe as necessidades de uma geração à outra, relativamente ao que fazem outras economias.

⁴Os dados populacionais têm também como origem o Banco Mundial, estando disponíveis sob o título geral "World Development Indicators". O nome da série aqui utilizada é: "Population Aged 65 and Above".